

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
CURSO DE FORMAÇÃO INTERCULTURAL PARA EDUCADORES INDÍGENAS  
LÍNGUAS, ARTES E LITERATURA**

**EMANILSON BRAZ DE ALMEIDA**

**A EDUCAÇÃO INDÍGENA E A LINGUAGEM TEATRAL:  
AS NARRATIVAS ORAIS DO POVO PATAXÓ  
NA ALDEIA BOCA DA MATA**



Belo Horizonte, MG  
Maio de 2016

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
CURSO DE FORMAÇÃO INTERCULTURAL PARA EDUCADORES INDÍGENAS  
LÍNGUAS, ARTES E LITERATURA**

**EMANILSON BRAZ DE ALMEIDA**

**A EDUCAÇÃO INDÍGENA E A LINGUAGEM TEATRAL:  
AS NARRATIVAS ORAIS DO POVO PATAXÓ  
NA ALDEIA BOCA DA MATA**

Percurso Acadêmico apresentado ao Curso de Formação Intercultural para Educadores Indígenas, da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, como pré-requisito ao título de licenciado no curso Línguas, Artes e Literatura.

Orientador: Prof. Dr. Josiley Francisco de Souza

Belo Horizonte, MG  
Maio de 2016

**FACULDADE DE EDUCAÇÃO**  
**CURSO DE FORMAÇÃO INTERCULTURAL PARA EDUCADORES INDÍGENAS**  
**ÁREA: LÍNGUAS, ARTES E LITERATURA**

Percurso Acadêmico intitulado *A educação indígena e a linguagem teatral: as narrativas orais do povo pataxó na aldeia Boca da Mata*, de autoria de Emanilson Braz de Almeida, analisado pela Banca examinadora constituída pelos seguintes professores:

---

Josiley Francisco de Souza  
Orientador – Faculdade de Educação da UFMG

---

Salvino dos Santos Braz  
Professor Indígena – Aldeia Muã Mimatxi - MG

---

Claudio Manoel dos Santos – Centro Pedagógico da UFMG



Dedico este percurso acadêmico aos anciãos, das aldeias de Boca da Mata, Barra Velha, Reserva da Jaqueira e Cassiana, que transmitiram os conhecimentos da natureza, das plantas, dos rios, dos animais, e dos nossos *Nakýã* (ancestrais). Estes anciãos nos educam através das suas narrativas de vida para que percebamos o valor e o conhecimento que a natureza dispõe a cura por meio das plantas, dos animais e de todos os seres. Dedico a todos aos jovens e as crianças, pataxó.

Dedico também a todos os meus familiares, aos meus pais, meus irmãos a minha *Jokana* (mulher) Valdinéia Almeida e ao meu *konehõ* (filho) Sander Braz, os quais compreenderam e contribuíram almejando força acreditando neste meu processo de estudo.



Agradeço primeiramente ao supremo do universo Niamisũ porque permitiu que eu fizesse este trabalho que serve como experi\u00eancia para toda a vida al\u00e9m de auxiliar as pessoas da minha comunidade. Agrade\u00e7o a todos as pessoas das comunidades ind\u00edgenas, de Boca da Mata, Barra Velha, Cassiana e Reserva da Jaqueira. Aos meus familiares, meu pai Josaf\u00e1 e minha m\u00e3e Maria Jos\u00e9, aos meus irm\u00e3os e todos parentes Patax\u00f3 os quais foram fundamentais no apoio moral. A todos os colegas estudantes do FIEI em especial os da turma de L\u00ednguas Artes e Literatura.

Aos educadores do FIEI, da turma LAL que sempre estiveram presentes desde o primeiro semestre at\u00e9 o \u00faltimo e sempre me motivaram para alcan\u00e7ar este per\u00edodo do curso que est\u00e1 se encerrando. E aos bolsistas colaboradores da turma LAL que n\u00e3o mediram esfor\u00e7os para apoiar no decorrer do curso FIEI.



Este trabalho se propôs a estudar as narrativas próprias do povo Pataxó que circulam na Aldeia Boca da Mata, como uns dos caminhos para resguardar a memória das histórias do povo e potencializar a educação indígena no contexto da comunidade, pois as narrativas fazem parte da construção dos mitos, das histórias que nós carregamos conosco, o respeito aos antepassados, a origem das coisas. Assim pretende-se que elas sejam perpetuadas para as gerações futuras. Sobretudo, que as narrativas tradicionais possam adentrar a escola fazendo parte do processo educativo das crianças e dos jovens e neste trabalho de percurso acadêmico apresento uma proposta pedagógica para contribuir com a escola Indígena de Boca da Mata, que é a aprendizagem por meio do teatro podendo desta maneira nos educar e aprender por meio dos conhecimentos das narrativas que os mais velhos contam e assim, possamos fortalecer a cultura e a educação própria, revertendo-se em aprendizados contextualizados de acordo com a realidade local, mais que isso, a memória se faz presente e é recriada constantemente, mas também, é diariamente que a memória tem significados e nela os conhecimentos ancestrais são recriados, por meio da oralidade que circulam esses saberes. Também almeja incentivar reflexões e contribuições ao desenvolvimento de uma proposta pedagógica que contemplem mais fortemente a aprendizagem pela linguagem da arte, especificamente, pelo olhar do teatro, para ilustrar a importância dessas, desenvolvi uma proposta de peça para encenação com a narrativa da Amesca. Desse modo, o objetivo deste percurso acadêmico foi compreender quais eram as narrativas que mais circulam na comunidade. O estudo apoiou-se nos estudos, Sampaio, 2009, Carvalho (2009). A metodologia empreendida teve a abordagem qualitativa, em entrevistas informais, fotografias, desenhos, experiência vivida e em estudos bibliográficos. Averigüei as narrativas estão vivas na comunidade, especialmente nas histórias contadas pelos ‘mais velhos’ nossa história viva, é dessa maneira que discorremos no nosso dia a dia e vemos o

mundo. A vida da gente todo dia é uma história e também de outras pessoas que as contam no seu cotidiano. Portanto, as histórias do povo Pataxó estão no cotidiano da comunidade, mas precisam ser mais bem pesquisadas para ter mais movimento, principalmente na escola. Para isso, utilizar da linguagem teatral pode ser uma importante situação de ensino para as práticas educativas e educar os cinco sentidos das crianças e podem nos ajudar a compreender o mundo que vivemos. Essa situação de ensino pode ser considerada uma inovadora prática pedagógica na escola e pode gerar consequências significativas para os alunos e professores, e demais membros da comunidade.

**Palavras-chave:** Narrativas Tradicionais. Linguagem Teatral. Educação Indígena. Povo Pataxó.

## SUMÁRIO

<b>Apresentação.....</b>	<b>p. 9</b>
<b>Meu interesse em pesquisar as narrativas pelo olhar do teatro.....</b>	<b>p. 11</b>
<b>A história do povo Pataxó.....</b>	<b>p. 14</b>
A língua Patxôhã na Aldeia Boca da Mata.....	p. 17
<b>A construção do grupo de teatro.....</b>	<b>p. 19</b>
O desenvolvimento da peça de teatro ‘quando a natureza é bela’ aliada à educação.....	p. 25
O desenho do teatro.....	p. 27
A prática da encenação: a peça em movimento.....	p. 28
<b>Proposta educativa de teatro na Escola Indígena Pataxó Boca da Mata.....</b>	<b>p. 31</b>
A Proposta educativa de Teatro com a temática da história da Amesca.....	p. 32
A sugestão de encenação da peça da narrativa da Amesca.....	p. 35
O que aprendi com a narrativa da Amesca.....	p. 43
<b>Considerações finais.....</b>	<b>p. 44</b>
<b>Referências.....</b>	<b>p. 46</b>





Foi através do curso Formação Intercultural para Educadores Indígenas nas áreas de Línguas, Artes e Literatura da Universidade Federal de Minas Gerais, que tive o privilégio de escolher o tema de pesquisa do meu percurso acadêmico sobre as narrativas orais que circulam na comunidade Boca da Mata, onde vivo, e também nas comunidades vizinhas.

Eu me identifico com este assunto e sinto-me feliz ao estudar a natureza e cultura que carregam dentro de si as narrativas. Desde o tempo dos ‘mais velhos’ até os dias de hoje. Percebi a carência sobre a circulação dessas práticas culturais tradicionais na nossa forma própria de educar da nossa comunidade, incluindo a escola.

Penso que é preciso desenvolver mecanismos educativos que aproximem as crianças, os jovens e demais membros da comunidade para fortalecer nossa cultura e cuidarmos melhor da natureza. Também penso que são por meio dos trabalhos práticos que se pode conseguir esse intento. Porque dessa maneira vivenciamos as narrativas. Como fala a autora Luciene Pataxó “como cultivar um tipo de planta, como guardar as sementes, combater os insetos, limpar os espaços coletivos [...], que hora pegar as folhas para remédio, pegar tempero, capinar a horta, como fazer adubo sem jogar remédio” (LUCIENE PATAXÓ, 2012, P. 13).

Sendo assim, convido você para conhecer um pouco do meu trabalho de percurso acadêmico que se aproxima da linguagem das narrativas de tradição oral de nosso povo Pataxó usando a linguagem do teatro para tal fim no diálogo com a educação indígena.

Por educação indígena que me refiro vai ao encontro com o que argumenta Meliá (1999) que salienta que a educação indígena é uma forma própria de educação de cada povo, é o educar para a vida, assim, mantem, modo de viver dos indígenas em seus territórios, além de ajudar a manter a alteridade e a identidade indígena ao longo dos tempos, por meio de instrumentos como formas diferentes de educar (MELIÁ, 1998).

O desejo de optar pelo trabalho *a educação indígena e a linguagem teatral: as narrativas orais do povo pataxó na aldeia Boca da Mata, foi* justamente porque desde criança eu gostava de ouvir as histórias que as pessoas idosas contavam. No entanto, percebi no decorrer dos anos que as narrativas que ouvi no passado, quando criança, me ensinaram muito sobre a vida.

Naquele tempo eu ouvia as narrativas de maneira bem natural, na aldeia era assim: a casa era bem simples sem energia elétrica cercada por plantas e ao anoitecer no meio do terreiro fazia-se uma fogueira que nos aquecia nas noites escuras e frias de inverno. Sentávamos todos em volta do fogo eu, meus quatro irmãos, meus pais, primos, tios e outros parentes que se juntavam nestes momentos, não eram nada combinados chegava um, depois outro e num instante tinham várias pessoas que ao se sentirem aquecidos pelo calor da fogueira começavam a conversar e de repente alguém puxava uma história, em seguida outro emendava, com isso, duravam horas contando causos. Eram tantas as histórias que saiam dali, de *caçador e caipora* de *pescador e sereia*, de *animais da floresta* e até mesmo aquelas de *assombração*. Foram momentos de muita alegria e divertimento, eu ficava entretido fascinado imaginando as cenas enquanto escutava as histórias. Em meio a isso tudo, ainda éramos privilegiados em apreciar e ouvir os ruídos dos grilos e cantos de pássaros noturnos como corujas, corujão, bacurau e a mãe da lua que todos nessa sintonia pareciam contracenar completando aquele momento. E para ficar ainda melhor, minha mãe preparava um cafezinho e chá de capim santo que servia acompanhado de aipim cozida com carne assada, batata doce e banana, para saborearmos, tornando aquele momento ainda mais prazeroso e agradável.

Esta fase de minha infância foi muito rica, até porque, por natureza eu tive a oportunidade de pertencer a uma geração que foi pouca influenciada pelas marcas das novas tecnologias, não que as tecnologias não tenham a sua importância e sua função especial para nós, mas, ela carrega consigo vários fatores que aceleram o processo de modificação cultural.

O hábito e a prática do povo Pataxó de contar as narrativas sempre são passados de geração a geração suas aventuras, suas vivências nas florestas, rios e mares, enfrentando animais ferozes, enfim, de toda a natureza, elas chamavam bastante atenção de todos, principalmente das crianças que aprendiam respeitavam e levavam a sério esta tradição. Este aprendizado acontecia geralmente no âmbito familiar entre pais e filhos e quando realizavam trabalhos coletivos para confecção de artesanatos e roçados. Outro modo bem prático também era de se juntar à noite várias famílias em frente ao terreiro de suas casas ao redor da fogueira e daquele momento saiam riquíssimos ensinamentos que servia para vida toda.

### **Meu interesse em pesquisar as narrativas pelo olhar do teatro**

Percebi a importância agora de pesquisar as narrativas com as pessoas mais velhas e vendo quais maneiras posso ajudar a contribuir para que essas narrativas sejam revividas. Porque percebi que os dias de hoje já não existe mais o hábito de contar histórias, as crianças e os jovens já não fazem mais questão de aprender, e os anciões também não contam mais suas narrativas, por que estão bastante velhos, mas, ainda existem algumas pessoas na comunidade que contam, porém, poucas pessoas querem aprender.

A ideia de trabalhar as narrativas tradicionais no olhar do teatro surgiu porque participei em grupo teatral na escola da comunidade. Este grupo de atores amadores, do qual faço parte, é formado por vinte e um integrantes com idade entre 14 e 36 anos. Foi criado através de um curso que participamos sobre Educação Ambiental na Escola da aldeia Boca da Mata que subdividia em quatro oficinas: teatro, reciclagem, fotografia e vídeo.

A partir daí, pensamos na possibilidade de criar um grupo, embora, tivéssemos pouca experiência sobre a nova descoberta, mas, a força de vontade e o desejo fazia com que prosseguíssemos com a ideia. Pensamos que com o grupo de teatro poderíamos pesquisar as histórias e produzir com elas metodologias que futuramente possam servir para a reprodução da cultura Pataxó através das narrativas orais.

Assim, fui instigado a fazer esse percurso e pretendo mostrar neste trabalho, que as crianças de hoje serão os anciões do amanhã, e se eles praticam na vida diária os conhecimentos tradicionais da nossa comunidade que os envolvam nesse caminho, elas,

assim, conversam com a vida, vivem essa vida, podem ensinar essa vida e certamente terão fontes de conhecimentos suficientes para transmitirem às futuras gerações. Para isso, defendo que com o auxílio da linguagem da arte como o teatro pode contribuir com a educação na Escola Indígena Pataxó Boca da Mata, conforme observa Narciso Telles: “ensina-se teatro, ensina-se com teatro e ensina-se por meio do teatro.” (NARCISO, 2009, p.10.)

Assim, as narrativas de nosso povo estão ficando esquecidas e precisam ser recuperadas. Para compreender um pouco mais do que falo recorro à afirmação de Walter Benjamin.

A sabedoria – o lado épico da verdade – está em extinção. Porém, esse processo vem de longe. Nada seria mais tolo que ver nele um “sintoma de decadência” ou uma característica “moderna”. Na realidade, esse processo, que expulsa gradualmente a narrativa da esfera do discurso vivo e ao mesmo tempo dá uma nova beleza ao que está desaparecendo, tem se desenvolvido concomitantemente com toda uma evolução secular das forças produtivas. (BENJAMIN, 1987, p. 205.)

Por isso, com este percurso de pesquisa, procuro focalizar nas narrativas orais que as pessoas, em especial, as ‘mais velhas’ contam, sobretudo, que essas narrativas adentrem a nossa própria escola. O meu trabalho pode contribuir com esse fim, pois, de certa maneira uma apresentação teatral provoca nas pessoas o anseio de aprender, respeitar, defender e preservar esses saberes que se encontram armazenado na memória dos nossos anciões. Que também é a memória do nosso povo.

É comum, na maioria das vezes, nós professores indígenas levarmos os estudantes até a casa desses ‘mais velhos’ para ouvir contar histórias que são de grande relevância, as mesmas, transmitem mensagens positivas de ensinamentos, educando todos nossos cinco sentidos para as várias possibilidades de aprendizagens.

Deste modo, busquei por meio deste trabalho pensar e refletir que nem sempre teremos os ‘mais velhos’ próximos a nós para nos contar sobre o que viveram nos tempos passados, e ainda o nosso processo histórico pelo qual passamos.

Assim sendo, senti a necessidade de pesquisar essas narrativas para, num primeiro momento deixar registradas aqui neste trabalho, e em momento posterior poder trabalhar as narrativas por meio do teatro na escola da comunidade, e num terceiro momento trabalhar com toda a comunidade. E até talvez encenar peças teatrais nas outras aldeias e em outros espaços. De algum modo as narrativas vistas pelos olhos do teatro podem contribuir para o fortalecimento da nossa cultura, crença, costume e tradição.

Para melhor reforçar essa abordagem sobre os registros das narrativas orais, apresento trechos das pesquisas de Beatriz Pinto Venancio, que também discute sobre o tema em questão.

De um modo geral, propõe que a tradição oral seja vista como “um sistema coerente e aberto para construir e transmitir conhecimento”. Hoje, parece evidente que qualquer narrativa está impregnada de subjetividade. Este detalhe, que já foi considerado uma limitação, tornou-se objeto de incontáveis pesquisas e vem caracterizando os estudos atuais de memória, trazendo para o debate a ideia de memória como construção. (VENANCIO, 2008, p. 30.)

Perceber a vida e sentir a agradável sensação de ouvir histórias, mexer com a nossa lembrança, viajar no passado de nosso povo por mediação das narrativas orais e descobrir a possibilidade de registrar estas narrativas em texto escrito e ainda recriá-las pondo em movimento através da linguagem teatral torna-se muito importante para nós.

Assim, o objetivo deste trabalho é compreender como as narrativas da comunidade da Boca da Mata são compartilhadas pelos ‘mais velhos’ as pessoas da comunidade, assim como, elas podem fortalecer a cultura do nosso povo.

A metodologia usada foi a abordagem qualitativa permite ver as situações onde acontecem as experiências vividas, neste caso a experiência com o teatro como forma de ensino e aprendizagem na escola Indígena Pataxó Boca da Mata. Principalmente com os alunos e professores envolvidos no projeto que culminou neste estudo (BOGDAN & BIKLEN, 1982).

Também utilizei entrevistas principalmente com as pessoas ‘mais velhas’ da comunidade, com a finalidade de colher as narrativas das histórias do povo Pataxó, especificamente as que circulam na comunidade (GIL, 1991).

Os sujeitos de pesquisa foram os ‘mais velhos’ da comunidade Boca da Mata e Barra Velha, Na Reserva da Jaqueira pesquisei professores e lideranças e também o pajé e a anciã ‘mais velha’. Por fim, pesquisa bibliográfica sobre o tema estudado como o aprendizado de teatro em escola indígena, e as concepções de narrativas, entre outros.



## **A história do povo Pataxó**

Pataxó, o povo Pataxó tinha grande habilidade em atirar flechas. Na mata sabia se defender como ninguém. Povo guerreiro que após séculos de colonização e contato forçado com os não- indígenas. Nós ainda moramos em aldeias, mas é muito diferente de antes é claro, até porque éramos nômades. Porém preservamos muitas lembranças do passado e permanecemos lutando bravamente para continuar a existir enquanto povo (CARTILHA ATXÔHÃ, 2003, p. 2).

Nós, Pataxó, vivemos em alguns Estados do Brasil. Especificamente minha aldeia se localiza no extremo sul do Estado da Bahia. Atualmente, estamos distribuídos em 36 aldeias, sendo que elas estão em seis Territórios Indígenas (TI) situadas nos municípios de Santa Cruz Cabrália, o TI de Coroa Vermelha e o TI de Mata Medonha. Já no município de Porto Seguro está o TI Barra Velha. No município de Itamaraju fica o TI de Trevo do Parque e no Município de Prado se encontra-os TI de Corumbauzinho, o TI de Águas Belas.

O povo Pataxó da Bahia, segundo os dados do Sistema de Informação da Atenção à Saúde Indígena (SIASI), da Fundação Nacional de Saúde (FUNASA) registraram 11.436 habitantes, sendo que, são 5.839 homens e 5.597 mulheres (FUNASA, 2011)

Já no estado de Minas Gerais, os Pataxó vivem em sete comunidades, que estão localizadas nos municípios de Carmésia, Itapeçerica, Araçuaí e Açucena. Segundo o

SIASI, 349 pataxós 178 homens e 171 mulheres. No Censo Demográfico 2010, comprova que os Pataxó possuem uma população total de 13.588 habitantes, sendo 6.982 homens e 6.606 mulheres (Idem, 2011).

Na figura abaixo mostro a distribuição das aldeias Pataxó no extremo sul da Bahia.



Mapa das aldeias Pataxó no extremo sul da Bahia. Fonte: Juari Pataxó, 2012.

Segundo Kanatyo Pataxó (KANATYO PATAXÓ, 1997, p. 09), a origem do nome do povo Pataxó, vem da história de Txopai e Itôhã, “Pataxó é água da chuva batendo na terra, nas pedras, e indo embora para o rio e o mar [...] Pataxó é a auto-denominação utilizada por esse povo”.

Esse registro é especialmente relevante na medida em que constitui a primeira referência precisa à presença dos índios Pataxó no âmbito geográfico de sua distribuição tradicional, entre a margem norte do São Mateus e o Rio de Porto Seguro. Esses seriam os Pataxó meridionais, tal como convencionado pela literatura antropológica e de outras áreas do conhecimento, por exemplo, as dos antropólogos Carvalho (2009) e Laranjeiras (2000), ao passo que o âmbito de dispersão dos Pataxó setentrionais, atualmente denominados Pataxó Hãhãhã, se circunscreveria à área abrangida pelos rios Pardo e Rio de Contas (CARVALHO, 2009; SAMAPAI, 2000).

No ano de 1951, ocorreu um triste episódio conhecido como “Fogo de 51” na aldeia de Barra Velha, no estado da Bahia. Segundo Silva (2012, p. 49), citando Sampaio (2000), explica que: “esse episódio, segundo Sampaio (2000), foi uma ação direta devido à iminente criação do (Parque Nacional do Monte Pascoal) PNMP. Os Pataxó estavam sendo expropriados de suas terras e sofriam com a permanente vigilância [...] os indígenas não podiam ter mais trânsito livre em seu território, nem mesmo fazer roça para sua subsistência” (SILVA, 2012).

Desse modo, em 1949, o capitão pataxó Honório Borges se deslocou ao Rio de Janeiro com o propósito de pedir providências ao Serviço de Proteção ao Índio (SPI) contra a invasão da terra indígena. Segundo o seu filho Severiano, que o acompanhou e era, na época, ainda menino, Honório esteve com o Marechal Rondon e obteve dele a promessa de que algo se faria por sua gente. Assim sendo, retornaram à aldeia Barra Velha. Após um tempo dois homens que o capitão Honório Borges conhecera no Rio de Janeiro genericamente designados tenente e engenheiro chegaram à aldeia e lideraram um assalto a um comerciante do povoado de Corumbau. Este assalto desencadeou revolta que culminou no que é localmente referido como o “Fogo de 1951”.

Esse massacre resultou em violenta repressão – subjugação, genocídio, etc, provocou a dispersão do povo Pataxó. Esse fato contribuiu também, anos depois, para a criação de outras aldeias, que fugindo do massacre foram buscar outros lugares para recriar suas vidas e sua cultura, particularmente no extremo sul da Bahia e Minas Gerais.



A língua do povo Pataxó pertence ao tronco Macro-Jê e da família linguística Maxakali. A rigor, a língua indígena pataxó original não é mais falada, a comunicação está sendo feita através do português mesclado com vocábulos recriados que instituiu a língua denominada ‘Língua indígena *Patxôhã*, que significa “Língua de Guerreiro”.

O Grupo de Pesquisadores Pataxó, desde 1998 se dedica ao estudo da língua, refere ao ‘processo de retomada da língua pataxó’, do qual têm participado todas as gerações, entendendo-o como o processo dinâmico e coletivo, experimentado por essa língua no decorrer da história e da vida do nosso povo. Anteriormente a essa data, o vocabulário pataxó ainda falado pelos mais velhos passou a ser compartilhado e ensinado na Escola Indígena Pataxó de Barra Velha pelos primeiros professores de cultura conhecidos por Arawê e Itajá. Destacamos outro pioneiro da revitalização da língua indígena pataxó é Kanatyó Pataxó (autor, poeta, professor, músico) que registra os conhecimentos dos ‘mais velhos’ e com eles elabora, por exemplo, músicas, alfabetização pela música com vocábulos com as palavras inventariadas (relacionadas) a partir do que os ‘mais velhos’ dizem.

O ensino de Patxohã tornou-se disciplina do ensino fundamental em 2003 e do ensino médio em 2007 e não se restringe ao léxico da língua, mas compreende um amplo conjunto de informações, tais como danças, canções indígenas e todos os processos históricos vivenciados pelos povos indígenas.

### **1.1 A língua *Patxôhã* na aldeia Boca da Mata**

Como já mencionei moro na comunidade indígena de Boca de Mata e, por essa razão, darei ênfase em mostrar em poucas palavras as especificidades dessa aldeia. A aldeia foi fundada no ano 1974, está localizada no Território Indígena de Barra Velha no município de Porto Seguro no extremo sul da Bahia. Iniciou-se com aproximadamente 12 famílias, tendo um total de 05 pessoas por domicílio, sendo crianças, jovens e adultos. Atualmente a população é de aproximadamente 3.500 habitantes pertencente à etnia Pataxó. O meio de sobrevivência destas famílias ainda é por meio da agricultura de subsistência e do artesanato, além da caça, pesca e uma boa parte das pessoas trabalha remunerada nas áreas de educação, saúde e em cooperativas e associações da comunidade. O meio de sobrevivência destas famílias concebia-se por meio da agricultura de subsistência, além da caça, pesca e o extrativismo comercial da piaçava. Com o

crescimento contínuo da comunidade, surgiu a necessidade de criar uma unidade escolar, a articulação entre as lideranças e comunidade foi fundamental no processo. Devido ao esforço dessas pessoas, no ano de 1982, foi criada a 1ª Escola Indígena Pataxó de Boca da Mata.

A aldeia Boca da Mata, também segue com o mesmo propósito de contribuir com as pesquisas ao levar adiante o estudo/ensino da língua *Patxôhã*, assim como todas as aldeias fazem constantes esforços para que o processo de estudo dessa língua se torne mais presente e que seja falado com maior intensidade no dia a dia por nosso povo.

(PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO, 2010. ESCOLA INDÍGENA PATAXÓ BOCA DA MATA).



## A construção do grupo de teatro



A ideia de construir uma peça teatral cujo do teatro indígena da aldeia Boca da Mata, em 2013, cuja peça intitulada ‘quando a natureza é bela’, foi em decorrência da realização do curso de Educação Ambiental que foi promovido na comunidade de Boca da Mata.

Esse curso foi concretizado por meio da equipe da Organização não Governamental (ONG) ‘Grupo Ambiental Natureza Bela’, da cidade de Itabela-BA. Tal grupo foi convidado para desenvolver um projeto denominado Projeto Vivendo o Verde com a finalidade de reflorestar áreas degradadas dentro do território. Para explicar o desenvolvimento inicial desse projeto recorro às informações de Lucas José dos Santos, engenheiro florestal e responsável/técnico do Projeto Corredor Ecológico Monte Pascoal - Pau Brasil, ele atua na Unidade de Conservação de Monte Pascoal.

O projeto Vivendo o Verde vem abordando 225 hectares de áreas de restauração florestal dividido em quatro áreas, tendo uma dessas áreas na aldeia de Boca da Mata. O Banco Nacional do Desenvolvimento Econômico Social BNDS, foi quem patrocinou e financiou a criação de uma cooperativa indígena, com trabalhadores indígenas da região do

Monte Pascoal, denominada COOPLANJÉ, ela foi formada a pedido da própria comunidade, para que se criasse a opção de renda como uma alternativa de trabalho para as pessoas da comunidade que praticam a extração de madeira dentro da floresta na produção de artesanato com a madeira para o sustento de sua família. A COOPLANJÉ é a primeira cooperativa indígena de reflorestamento e florestamento do Brasil. Atualmente, possuem cinquenta famílias assistidas e quarenta pessoas trabalhando exclusivamente com a restauração florestal. (LUCAS, ALEX GONÇALVES<sup>1</sup>, VÍDEO POKĀYÁ MIKAHĀ, 2013).

Este projeto teve o financiamento concedido por meio de parceria do Banco Nacional do Desenvolvimento Econômico Sustentável (BNDS), Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade, ICMBIO, e do Grupo Ambiental Natureza Bela. As equipes de recursos humanos envolveram tanto a equipe do Grupo Ambiental Natureza Bela, quanto os membros da comunidade.

Foi desse modo que a ONG começou a trabalhar na comunidade. Anteriormente ela foi convidada pelo cacique Alfredo Santana, que já na época planejava junto com comunidade a ideia de constituir uma Cooperativa Indígena no território. Importante dizer que essa Cooperativa foi criada no percurso do andamento desse projeto, e foi chamada de COOPLANJÉ. (COOPERATIVA DE FLORESTAMENTO E REFLORESTAMENTO DA ALDEIA BOCA DA MATA).

Sobre o objetivo COOPLANJÉ, segundo Mathias Pataxó, presidente da Cooperativa,

é de trabalhar em proteção da natureza, reflorestando os lugares desmatados dentro do espaço da aldeia, pois nós convivemos no meio da natureza e não temos uma proteção a ela, e também esses trabalhos realizados ajudam como meio de sobrevivência das famílias cooperadas. E ainda, temos um viveiro que abrange aí, aproximadamente sessenta mil mudas, com várias espécies (MATHIAS PATAXÓ, VÍDEO, POKĀYÁ MIKAHĀ 2013).

A propósito do projeto o cooperado Alvaír Pataxó explica:

Estamos aqui trabalhando neste viveiro, estamos produzindo mudas para nós reflorestar as áreas degradadas que não foi degradada e acabada por nós índios, mas hoje vemos que temos que recuperar a nossa floresta. Então a importância de criar este viveiro e produzir as mudas para que nós possamos trazer de volta nossa floresta (ALVAÍR PATAXÓ, VÍDEO, POKĀYÁ MIKAHĀ 2013).

---

<sup>1</sup> O vídeo Pokāyá Mikahā foi organizado por Alex Gonçalves, profissional responsável pela oficina de vídeo durante a execução do Projeto Vivendo o Verde, na aldeia Boca da Mata, todas as pessoas que aparecem nos depoimentos deste trabalho estão neste vídeo documentário.

Quem também comentou sobre esse projeto foi a professora indígena da Escola Indígena de Boca da Mata, Juliana Pataxó:

Esse projeto além de contribuir com a restauração do meio ambiente, ele visa fortalecer, assegurar culturalmente, socialmente a comunidade de Boca da Mata e, ainda vem contribuir na educação, na saúde e também na alimentação de todos que vivem deste território. Além de atender as famílias que não possuem uma renda capaz de garantir o sustento das famílias. Tal projeto foi necessário criar essa Cooperativa para que pudesse operar com os recursos financeiros angariados pelo Banco Nacional de Desenvolvimento (BNDES). Houve também parceiros que contribuíram para realização deste projeto que foram Grupo Ambiental Natureza Bela, ICMBIO, e participação da comunidade (JULIANA PATAXÓ, VÍDEO POKĀYÁ MIKAHÁ, 2013).

A *mikahá* (semente) desse projeto teve como personagem central o pajé Manoel Santana, que já desenvolvia as iniciativas de reflorestamento por conta própria na comunidade. E com o passar do tempo, esse tema foi ganhando força entre as pessoas. O esforço do pajé com esse tema era tanto que ele nas reuniões da comunidade chamava a atenção dos outros membros para a importância de reflorestar o território, e enfatizava da relevância de *pokāyá'xó* (plantar) para que a comunidade tivesse a prática de fazer bom uso dos recursos naturais em seu favor.

Outra fala interessante do pajé Manoel Santana era “vocês não querem pensar no futuro, só no agora, tem de olhar que esse trabalho que eu defendo ele não é só para mim, mas é para todos, para o índio, e toda a nação que é o mundo, e nós, dessa forma, estamos continuando o que os nossos ancestrais fazia, mas com o passar do tempo está sendo tudo estragado, então vamos trabalhar junto à natureza para que ela nos forneça os elementos necessários para nossa vida”

Retomando, a ONG foi convidada a trabalhar na comunidade, devido, então, a essa necessidade de cuidar melhor dos recursos da natureza no território indígena, e tudo o que ela oferece. Assim sendo, a ONG começou seus trabalhos em 2013.



Na sequência, dentro do seguimento do projeto foi envolvida também a escola da comunidade. O papel da escola no projeto é explicado por seu diretor, Jovino de Jesus,

eu, como diretor da unidade de ensino nesta *Escola Indígena da aldeia Boca da Mata* estou muito feliz com o que vem acontecendo em termo de ensino nesta escola. Também quero agradecer a ONG Natureza Bela, o Banco BNDS, pela oportunidade que nos deu de estar desenvolvendo o projeto dentro da comunidade de Boca da Mata, e na escola (JOVINO DE JESUS, VÍDEO POKĀYÁ MIKAHĀ, 2013).

A importância do projeto na escola também foi ressaltada pelo professor Marcones Poncada que falou:

O Projeto Vivendo Verde veio através da escola e através dos alunos, para a gente abraçar a causa e iniciar a consciência da base porque se agente começar da base, cada família aqui tem basicamente três, cinco até dez filhos que são alunos desta escola. E se essa consciência partindo da escola possivelmente eu creio que um dia a gente consegue porque a conscientização ou a consciência de cada um depende certamente de cada um (MARCONIS PONCADA, VÍDEO POKĀYÁ MIKAHĀ, 2013).



Assim, o curso acontecia simultaneamente com as famílias da comunidade e na Escola Indígena Pataxó Boca da Mata. E foi dentro do âmbito da escola que o teatro foi pensado e desenvolvido bem como parte dos alunos e professores.

Como citado acima, o projeto era voltado para a temática Educação Ambiental. A temática, então, foi trabalhada com os alunos das séries finais do ensino fundamental e com os alunos do ensino médio. A escolha em trabalhar com esses alunos foi em função de alguns deles já haviam trabalhado anteriormente em peças teatrais, de forma ainda embrionária na escola.

E com essa motivação em retomar o trabalho com os mesmos alunos, foi montada a equipe que atuaria no teatro com eles. Salientamos que a equipe da ONG era composta por atores profissionais, diretor, equipe de filmagem, entre outros.

Assim, na esfera da escola, primeiramente, o trabalho da equipe da ONG e dos professores converteu-se em curso sequenciado, como estava acontecendo na comunidade. Na escola o curso foi trabalhado em forma de oficinas, por oito meses. E teve a carga horária com a duração de 280h.

O curso na escola aconteceu em quatro oficinas: a) teatro, b) reciclagem, c) fotografia e d) vídeo.

*a) Oficina de Teatro:* nas oficinas de teatro, aprendemos as técnicas e performances que envolvem o estudo da linguagem teatral e sua importância na arte na sociedade, como um todo. E na oficina de Teatro, adentramos no aprendizado da linguagem do teatro. Foi apresentada a proposta aos alunos e professores de como seria feito os exercícios aprendemos como fazer o roteiro para uma peça de teatro. Ajudou para todo esse trabalho estudamos muito jogos lúdicos.



Os ensaios foram aproximadamente três meses. Acontecia duas vezes na semana. Os responsáveis por ensinar os alunos arte de encenar foram os integrantes da ONG



b) *Oficina de Reciclagem:* na oficina de reciclagem, que podemos melhor denominar de aquisição de novos conhecimentos, fomos informados, como outras comunidades, para reutilizar como composição do cenário o lixo que poderia ser reciclado. Isso porque se utilizando da reciclagem de certos materiais do lixo, a produção ficaria com baixos custos. Usamos basicamente: sacolas plásticas, papel, tecidos, etc., além de, outros materiais encontrados nos espaços de nossa escola e da comunidade. Aprendemos, assim, como podemos lidar com o lixo que pode ser reciclado, dessa forma, qual a melhor maneira de reaproveitá-los. Os oficineiros<sup>2</sup> nos mostraram diversas maneiras de se trabalhar com esses lixos, ilustramos como exemplo, a criação de lixeiras e cestos de papeis, brinquedos como bonecos de fantoches feitos com papeis e tecidos, caixas de papelão ajudar a construir o cenário, entre outros objetos.



Ilustração do conjunto das atividades desenvolvidas na oficina de reciclagem.

c) *Oficina de Fotografia:* na oficina de fotografia vimos métodos de como usar uma câmera para registrar a os diversos momentos de nossa vida e ainda, dá apoio aos trabalhos escolares.

---

<sup>2</sup> Oficineiro é a pessoa que participa ou ministra aulas ou cursos práticos de certa atividade específica.



d) *Oficina de Vídeo:* na oficina de vídeo aprendemos métodos de como usar a câmera para registrar através da filmagem os diversos momentos de nossa vida. Podendo realizar trabalhos de gravação de documentários em nosso próprio espaço geográfico da aldeia além da possibilidade de desenvolver outros registros utilizando o audiovisual.



Ilustração de filmagem realizada no território

## 2.1 O desenvolvimento da peça de teatro ‘quando a natureza é bela’ aliada à educação

A peça de teatro se constituiu com uma prática educativa na escola, pois evidenciou algumas questões problemáticas da comunidade e da sociedade fora da aldeia, mostrando uma relação conflituosa entre as pessoas e a natureza ao seu redor.



A peça girou em torno no que diz respeito à degradação da natureza por alguns indígenas em seu território, e muitos não indígenas em seu entorno. O que foi retratado pelas personagens criadas para tal fim.



Assim, a destruição da natureza ganha espaço no drama empreendido pela peça, especialmente quando personificada por meio dos problemas que ameaçam os recursos naturais no território.

O teatro é, portanto, uma modalidade não somente para expressar à estética e a beleza das narrativas orais em cena, vai muito além disso, congregam saberes dos antepassados, realidades distantes que podem se fazer presentes nos dias de hoje. Um exemplo disso é a união e o respeito para com o próximo e com a nossa mãe natureza que é fundamental na vida de nós indígenas na alimentação na cura e nos conhecimentos da ancestralidade. E dar seguimento neste universo tão cheio de memórias vivas que se encontram ao nosso redor onde vivemos e convivemos.

O teatro aliado à educação indígena pode ser abordado, por exemplo, como expressão de pensamentos e sentimentos. Essa concepção sugere que as peças teatrais se propõem a fazer acontecer efetivamente os saberes próprios da comunidade sobre o assunto da natureza no território, e dela pode tirar o sustento, a cura pelas plantas medicinais e pelos animais, a caça, a pesca, outras atividades humanas, o educar o olhar para a natureza, viver a cultura, etc. (FANTIN, 2007, p.1)

Por teatro voltado às práticas educativas tem uma importância fundamental na educação indígena. Ele possibilita uma “gama” de aprendizados como a socialização, a criatividade, a coordenação, a memorização, o vocabulário dos conhecimentos indígenas e dos demais conhecimentos de outros mundos.

Por meio do teatro, pode perceber o desenvolvimento dos alunos individual e em grupo, traços do seu desenvolvimento nas situações de aprendizagem. Permite também ao educador direcionar melhor os assuntos pedagógicos, como neste estudo das narrativas tradicionais.

Nesse sentido, contar as histórias do povo por meio da peça teatral, munida de personagens, sons e movimentos, falas, gestos, música, cenário, etc., ganha mais relevância, significado e sentido, quando entendemo-la nas várias dimensões, quais sejam: estéticas, cognitivas, sociais, culturais, territoriais, políticas, educativas, e de parcerias várias, entre outras. Entretanto, considerar o teatro somente como um ato educativo, não significa reduzir seu potencial sociocultural a uma ferramenta didático-pedagógica destituída de significação e finalidade social.

## 2.2 O desenho do teatro

No decurso do desenvolvimento do teatro ao mostrar um espetáculo que apresentava um tema que estava sendo debatido e trabalhado pela comunidade revelou-se muito importante à aprendizagem sobre os temas ligados a natureza e sobre a reciclagem do lixo produzido pela comunidade.

O texto trabalhado para abordar o tema foi baseado numa adaptação do texto do autor Sindival Oliveira presidente da ONG. Porém, para compor um cenário de contexto indígena nós e os técnicos fizemos uma readaptação do texto, e também das personagens que foram readaptadas na mesma linha de pensamento, ou seja, de animais, plantas e pessoas que fazem parte da nossa realidade local como, por exemplo, o tamanduá, macaco, gambá, amesca, índios etc.

O começo de um trabalho com o teatro constituiu com a montagem de equipe, a construção da peça foi coletiva contemplando as várias contribuições visando sempre às riquíssimas narrativas que circulam em nossa aldeia.

O grupo é composto por 21 integrantes entre estudantes e professores, sendo eles, Adriele Alves da Rocha, Adriele Braz Ponçada, Adriel Jesus Rocha, Aiúbe de Almeida Braz, Arildes Nascimento da Conceição, Brenda dos Santos Souza, Clenilton Alves Ferreira, Dione Alves Ferreira, Emanilson Braz de Almeida, Evani Cristiano do Amor Divino, Elismárcia Braz Ponçada, Elivelton Braz Ponçada, Inajara Braz dos Santos, Jaine de Almeida Santos, Jociele Santana Brito, Larissa dos Santos Barreto, Marcos Ponçada Santana, Marconis Ponçada Santana, Rigazônia Braz Ponçada, Wilson Santos Santana, Josi S. do Nascimento (*IN MEMORIAN*).

Nossa perspectiva foi usar os conhecimentos que aprendemos durante o curso para dialogar com as narrativas que contém os conhecimentos tradicionais. Ressalto que estamos ainda numa fase de adequar e aprofundar sobre esta descoberta do teatro em nossa comunidade.

### 2.3 A prática da encenação: a peça em movimento

A prática da encenação, executamos em partes, realizamos alguns ensaios em que todos se esforçaram para usar o corpo e a mente na representação de algumas das narrativas estudadas, porém, como irei explicar à frente, não foi possível a finalização da atividade.

Foi um processo muito delicado o trabalho, exigiu muita habilidade e tempo dos envolvidos no desenvolvimento da apresentação.



Esta encenação refere-se ao tempo em que todos os animais viviam todos livres na floresta. Quando a natureza era livre e bela.



Esta encenação apresenta os animais, representando todos os seres da natureza, pedindo ajuda aos indígenas, porque eles se sentiam ameaçados e a floresta estava sendo desmatada pela ação dos homens (homens como espécie), que não tinham consciência da importância de preservar a natureza. Desrespeitando os verdadeiros donos da natureza.



Esta, mostra a ação do homem destruindo a floresta, em nome do progresso, como por exemplo, fazer pastos para criar gados, plantar monocultura, o crescimento do avanço das cidades, aniquilando nascentes dos rios, etc. E essa ação expulsa muitos animais da floresta, até mesmo matando-os. As plantas também sofrem o mesmo processo.



Por sua vez, esta encenação reflete a consequência das ações destrutivas na natureza. Como consequência os animais e as plantas ficam desprotegidos e agonizados.



Na sequência os indígenas são convocados pelos seres da natureza a ajudar a recuperar a floresta, nas áreas que foram desmatadas/agredidas, para que os verdadeiros donos da natureza possam (re)viver em harmonia em seu próprio ambiente.

Então os indígenas foram trabalhar para ajudar a natureza a se recuperar. Os indígenas e a natureza são uma coisa só. A natureza faz parte do indígena como o indígena faz parte da natureza, são indissociáveis. A natureza educa o olhar, o ouvido e todos os sentidos dos indígenas para que eles façam o melhor trabalho possível para sua recuperação. E essa recuperação serve para ambas as partes: natureza e indígenas.

Somente assim pode haver uma harmonização entre indígenas e natureza. Como afirmei acima somos um ser só. Esse teatro que mobilizou a escola, também deve ser uma ação que abranja toda a comunidade. E a partir do teatro a cultura também, pois o oferece a possibilidade de movimentar várias manifestações culturais, expressando pensamentos e construindo diferentes formas de conhecimentos sustentados nas linguagens da arte.



### **Proposta educativa de teatro na Escola Indígena Pataxó Boca da Mata**

Este capítulo apresenta a proposta educativa que dá continuidade do trabalho realizado com o teatro na Escola Indígena Pataxó Boca da Mata. Essa proposta educativa está embasada na experiência vivida no decorrer da peça de teatro “Quando a natureza é bela” que foi fruto do projeto “Vivendo o Verde”. Apresentado no capítulo 2.

### 3.1 A Proposta educativa de Teatro com a temática da história da Amesca



**A árvore da Amesca-desenho Txihí Pataxó**

Quando pensei em apresentar uma proposta de encenação para mostrar uma narrativa tradicional neste percurso. Inicialmente fiz o trabalho de campo para a recolha de algumas narrativas. Nesse trabalho tive algumas dificuldades, como, por exemplo, horários para a conversa com os mais velhos, pois, alguns preferiam durante o dia, porque ele precisava dormir mais cedo. Outros não podiam durante o dia, pois não estavam em casa, porque trabalhavam na roça.

Além disso, havia dificuldades por não estar existindo mais um momento cultural entre as pessoas da comunidade para acender a memória dos anciões, dificultando, assim, esta lembrança. Até mesmo enquanto estávamos na casa desse ancião fazendo as gravações com um pequeno gravador de voz, a TV estava ligada porque as crianças estavam assistindo, ou o som do vizinho estava em volume alto.



Algumas pessoas que se intimidaram em contar algo que sabiam, porque são pessoas que não gostam de se expressar para um grupo de estudantes, isso porque pensam que estão sendo reparadas pelo modo de se comunicarem.

Um momento ideal para que eu pudesse ouvir melhor as narrativas contadas pelos ‘mais velhos’ seria numa ocasião da ‘noite cultural’, e esse momento me oportunizaria ver em todas as dimensões suas formas de contar essas narrativas bem naturalmente, por atenção a suas posturas de vozes, corporal e a estética do contador, vendo também a dinâmica e o ritmo de como eles contam essas narrativas. Até mesmo utilizando alguns elementos e instrumentos que auxiliam na hora de escolher uma narrativa para contar. Mas isso não foi possível.

Enfim, foi uma série de questões que só descobri ao executar na prática esta pesquisa. Apesar de ter demorado meses para realizar esta primeira etapa, consegui dar conta do primeiro processo de registro das narrativas.

Primeiro conversei com todos os participantes do grupo de teatro da peça anterior. Propus à ideia de colher algumas das narrativas tradicionais que mais circulavam na comunidade, para trabalhá-las, inicialmente, no formato de texto, e posteriormente formatá-las para a linguagem teatral. Assim, convidei todos os integrantes do grupo e falei como estava pensando, assim como, apresentei que o meu objetivo seria trabalhar com as narrativas pataxó que os anciões contam.

O grupo aceitou minha ideia e acharam de grande relevância para darmos prosseguimento às experiências educativas da peça de teatro “Quando a Natureza é Bela”. E essa peça que já havíamos encenado com êxito, poderia ser uma base para o desenvolvimento do meu tema de pesquisa.

Expliquei qual seria a relação da proposta com o trabalho do grupo na peça que tínhamos apresentado na escola. E que, dessa maneira, não estávamos distanciando das atividades que já desenvolvíamos. Para tanto, apresentei a ideia da proposta e começamos a discutir conjuntamente. Então, nós concordamos e aceitamos o compromisso de dar prosseguimento de continuarmos a trabalhar com o teatro na escola. Portanto, apresentamos a decisão para toda a comunidade escolar.

A princípio, a proposta aqui apresentada não tinha nenhum foco de que narrativa seria trabalhada. Para adentrar no processo da escolha da proposta que seria

transformada em texto teatral e que eu iria trabalhar no percurso foi preciso fazer uma análise e seleção das narrativas que eu tinha já havia pesquisado.

Eu expus ao grupo as entrevistas com os ‘mais velhos’ e apresentei uma narrativa que estava gravada, sendo assim, escutamos juntos. E para reforçar essa narrativa eu também apresentei ao grupo o que tinha entendido daquela narrativa. Dessa maneira, aguçou nossa imaginação e brotavam indagações sobre o texto, cenário, como seriam as cenas, entre outras.

Várias ideias foram expostas, um integrante do grupo disse “certamente de uma aldeia no passado”, outros falavam “uma casa de taipa”, mais um mencionava “uma casa de pau a pique”, então pensamos nessas ideias.

Sobretudo, concordamos que teríamos que envolver vários elementos para simbolizar a peça em conformidade a história que seria encenada. Para definirmos como iríamos trabalhar essa narrativa, que ainda seria escolhida fizemos um cronograma de encontros com os integrantes do grupo, para que assim, houvesse um melhor direcionamento e cumprimento das etapas do trabalho, assim, fizemos um mapeamento das pessoas e dos lugares já pesquisados.

Para pensarmos no roteiro cada um expôs sua opinião, utilizamos o auxílio de vários materiais impressos como o roteiro encenado pela peça “quando a natureza é bela”, trechos de vídeos sobre como fazer teatro e também usamos o texto do livro *Cadê o Tobdaé?* Do autor Manuel Filho (2014).

Tudo isso serviu de base e forneceram informações importantíssimas para a proposta em construção. Por exemplo, reaprendemos que a organização de uma peça divide em tarefas para toda a equipe e cada uma delas tem a função no processo da composição da peça, por exemplo: os atores interpretam os personagens, o diretor orienta todos, porém, permite em tudo a interação e sugestão de todos, o figurinista decide como cada personagem vai se vestir, o cenógrafo pensa como será o cenário, o iluminador toma conta da luz, o sonoplasta pesquisa todo tipo de som que fará parte do espetáculo, também pessoas que podem exercer outras funções em situações de imediato na hora da apresentação.

Os encontros do grupo aconteciam sempre aos sábados à noite, com duração de três horas. Nesses encontros discutíamos o assunto e ajustávamos os pensamentos, com o auxílio de anotações feitas em cadernos.

Outro ponto importante foi manter e usar as palavras em língua indígena Pataxó *Patxôhã*, pensamos que isso possibilitaria deixar nossa marca. Sendo assim, escolhemos criar o roteiro da história da Amesca. A partir da escolha da narrativa da Amesca, fiz o roteiro do texto para a encenação. Tive a colaboração de alguns integrantes do grupo na revisão do texto, às vezes colaboravam com algumas observações.

Abaixo, apresento um quadro de alguns trechos em que retrata os trechos da narrativa da Amesca, já no formato de um texto teatral.

Uma observação, pelo trecho do texto escrito, por si só, não é possível visualizar a riqueza do conhecimento que a narrativa da Amesca traz consigo, mas aqui faço um esforço para ao menos mostrar, dentro das possibilidades, o que aprendi com o contador dessa narrativa.

### 3.2 A sugestão de encenação da peça da narrativa da Amesca

#### **Personagens:**

Amesca, mãe, pai, pajé, parente, amiga de Amesca, crianças, parteira, povo.

#### **1º Cenário:**

Uma fogueira no meio dum terreiro de uma casa simples de pau a píqui ou de taipa. Ao redor dela várias plantas, flores e alguns elementos de uma aldeia pataxó.

#### **Cena 1:**

*Pantomima:* No palco. A pequena fogueira está vazia. De repente, aparece caminhando lentamente um ancião todo caracterizado/pintado é o pajé da aldeia e assenta na beira da fogueira. Mexe nos tições e com uma das mãos joga algo dentro do fogo (guardando o restante na outra mão) neste instante começa a soltar bastantes fumaças alvas e com odores agradáveis. Ver-se sozinho e chama alguém para conversar (acena com a mão) para contar algo. Entra em cena um kitok (menino) sozinho e se senta ao lado do pajé. Neste momento, ele explica para o kitok o motivo daquela fumaceira e para que servia, olhando para o kitok o pajé começa a contar a história da Amesca.

**Pajé:** Antigamente não existia a árvore chamada Amesca, nós Pataxó só conheceu essa árvore depois que nasceu, na aldeia, uma guerreirinha chamada Amesca.

No tempo de nossos antepassados os guerreiros Pataxó viviam nas grandes matas, sempre a procura de alimentos: frutas, peixes, caças e sempre desciam para a beira da praia no tempo da lua cheia para comer mariscos.

Num belo dia, no lugar onde nós tava morando nasceu uma bela kitok'ihé<sup>3</sup> (menina).

*(Saem de cena o pajé e o menino e começa na sequência a encenação)*

## 2º Cenário:

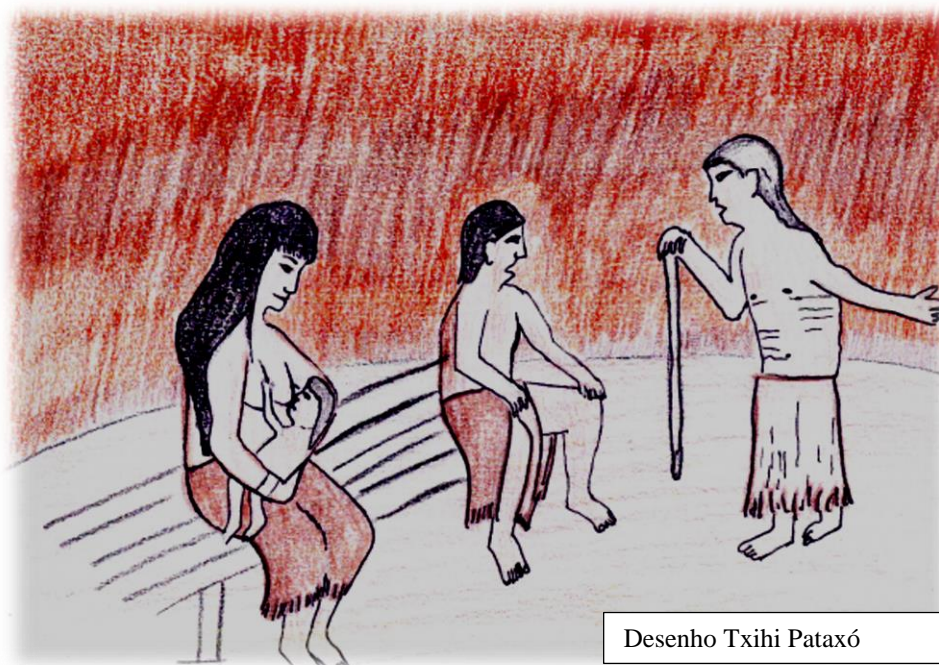
Uma casinha na aldeia deve estar um pouco escura, pois, está amanhecendo o dia.

### Cena 2:

*Em cena o pai e a mãe esperando o nascimento do filho ambos angustiados. Neste momento nasce uma pequena indiazinha. (Choro de bebê bem alto)*

**Pai:** Nasceu! Nasceu! *(Corre para fora da casa, entra novamente e sai correndo em direção à casa do pajé e chama-o imediatamente para dar nome a criança que acabara de nascer. Caminham depressa os dois e entram onde está o bebê).*

**Mãe:** *(olhando para o pajé)* - Nasceu! Agora o senhor já pode dar nome a nossa kitok'ihé



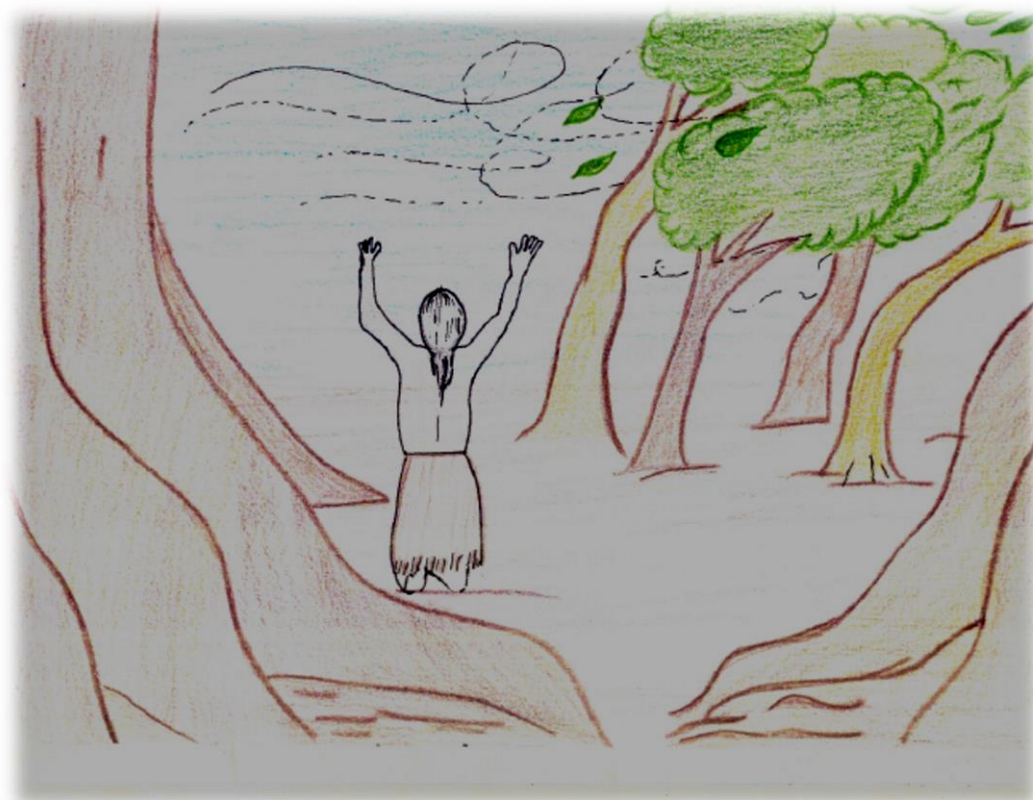
Desenho Txihí Pataxó

<sup>3</sup> Na língua *Patxôhã*, muitas palavras escritas com as letras (A, E, I e O) contém o acento (~) em cima da letra, para substituir os sons nasais e não utiliza as letras (N ou M). Por exemplo, *kitok' ihé*, *maturebá*, *tohô* e outras, porém, o computador não oferece esta ferramenta.

**Pajé:** (*observando o kitok diz*) - Não! Não posso agora colocar o nome na sua *kitoki' ihé*, irei amanhã à *matumbá*, (mata grossa) conversar com os *nakíyã*, (ancestrais) e voltarei amanhã mesmo aqui no seu *kijemi* (casa). (*Sai lentamente*).

(*Pai e mãe se alegram com a criança esperando o retorno do pajé*)

(*Após um dia aparece o pajé*)



**Desenho Txihí Pataxó**

### **Cena 3:**

**Pajé:** - Olha, já consultei aos *nakíyã*, (ancestrais) da *matumbá* (mata grossa) e eles me disseram que sua filha é uma grande guerreira e terá um grande destino e fará coisas boas por nosso povo, mas não será muito fácil para ela, pois terá que fazer uma escolha muito difícil em sua vida e os *nakíyã* disseram ainda que a partir de agora ela se chamará AMESCA.

### **3º Cenário:**

Parte da aldeia com plantas, flores, animais, jovens e crianças alegres, e outras pessoas num convívio do dia a dia.

**Pantomima:** *(Os pais e todos começaram então a chamar de AMESCA como tinha dito os nakíyã. A menina AMESCA ia crescendo com as outras crianças do povo muito alegre, gostava muito dos animais, das flores e de todos de sua família.)*

*(Em meio àquela sintonia o pajé observa algo e reúne todo o seu povo e diz)*

**Pajé:** - Meu povo os alimentos já tão ficando difícil então vamos para outro lugar melhor, onde pode ter mais caças, frutas e água boa.

*(Saem todos deixando a aldeia carregam seus objetos prontos os quais devem ser carregados até encontrar um novo lugar. Dão voltas no palco/ou saem, até encontrarem um local ideal para montar novamente a aldeia. Nesta mesma cena encontram um lugar e erguem suas moradas)*

### **4º Cenário:**

**A nova aldeia já deve estar montada, pode haver plantas, animais, casas e todos devem expressar felicidades ao desenvolver as atividades do cotidiano.**

#### **Cena 4:**

**Pajé:** Neste lugar! *(Circula com o corpo para o público faz meia volta, gesticulando com as mãos)* vamos construir nossos *kijeme*, aqui tem muito caça frutas, e a *miãga* (água) é muito boa. Olha este rio! *(Mostra com a mão direita para o público)*. Tem muito *mukusuy* (peixe)! Vamos meu povo. Vamos erguer nossa morada.

**Pantomima:** *(O tempo passou e amesca ficou uma linda ihé (moça) e então começou a namorar com um tapurumã (jovem guerreiro). Pessoas no palco conversando e Amesca entra em cena bem bonita e é chamada por uma ihé, que mostra um jovem guerreiro, os dois se olham e começam a namorar namoro pataxó, [onde o urumã (jovem) joga a pedrinha na ihé e se ela aceitar faz o mesmo] Amesca casa com o jovem e engravida.)*

*Todos saem de cena. Em seguida entra apenas Amesca acariciando a sua barriga bem grande.*

**Pantomima:** *Ela ficou muito feliz porque teria seu primeiro filho o fruto do amor com o seu kakusú, (homem) passaram-se dois meses, Amesca foi ao kijeme do pajé (casinha e o pajé sentado)*

**Amesca:** Senhor pajé. *(Respira fundo e dar uma pausa)* eu vim até aqui para senhor fazer um banho pra mim tomar e me proteger. Olha o tamanho da minha barriga! *(Mostra para o pajé, ele passa a mão suavemente dizendo.)*

**Pajé:** Vou conversar com os *nakíyã*, para saber o melhor banho que você deve tomar e, amanhã você vem tá bom minha fia.

*(Amesca volta para sua casa, encantada com a barriga junto ao seu kakusu. Ainda em cena, espera um pouco)*

*(No dia seguinte ela vai novamente ao kijeme do pajé, chegando lá ela pergunta pelo banho (sorridente.)*

**Pajé:** Sente-se aí minha filha nós temos muita coisa para conversar...

*(Ela se senta e ele começa a falar)*

**Pajé:** Tive na *maturebá* e os *nakíyã*, me falaram pra fazer o seu banho eu já fiz está lá dentro *(mostra)* você o tomará antes do sol se pôr. Eles me falaram ainda que você está esperando não apenas um bebê eles me disseram que você está esperando duas crianças. *(Amesca fica desinquieta e preocupada com o que acabara de ouvir)*

**Pajé:** Porém, em nosso povo nós não podemos aceitar que uma *jokana* tenha duas crianças porque um vem para fazer o bem e o outro pra fazer o mal. Então teremos que sacrificar um de seus filhos para quebrar a maldição, se não, ela espalhará por todo o nosso povo.

*(Ao saber dessa notícia Amesca começa a chorar, vai embora chorando e chegando lá conta para seu kakusú o que o pajé disse para ela. Os dois choram juntos e se abraçam)*

**5º Cenário:** Amesca sozinha sentada num cepinho tristonha pensativa e sempre chorando acariciando a sua barriga. Pois não queria que sacrificassem nenhum de seus filhos. Nesta cena já deve providenciar também o cenário do enterro.



Amesca-desenho Txihí Pataxó

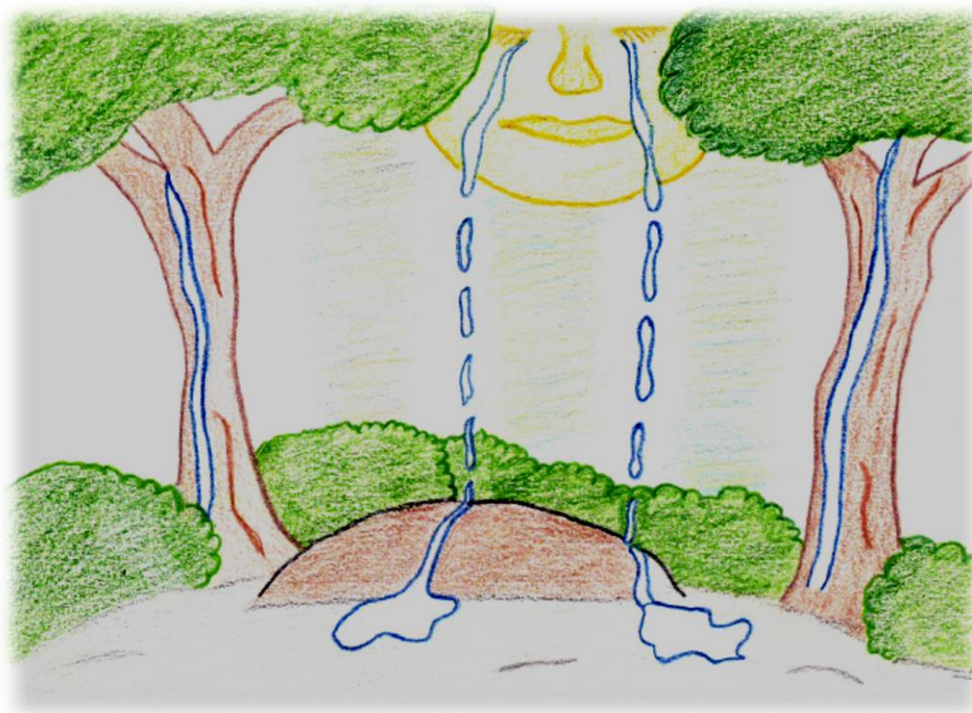
#### **Cena 5:**

**Pantomima:** (Neste momento chega a hora do nascimento das crianças, seu kakusú observa tudo e sai correndo para chamar as parteiras, elas vêm ajudar Amesca a dar à luz a seus filhos.) Depois de algumas horas elas saem muito contentes com os dois kitok nos braços e de repente a mãe de Amesca chora alto dentro da kijeme e grita o nome de Amesca.

**Mãe:** (Chora alto grita: Amesca!!! Não Niãmisu, não!!! Amesca!!! Amesca!!!) Ao ouvir o grito o kakusu dela entra depressa para ver o que está acontecendo já é tarde demais, infelizmente Amesca não suporta o parto e morre. (Música pataxó: que remetem a tristeza) O pajé chega examina (demora um pouco) sai tristonho e chama todos os guerreiros para fazer o ritual para o enterro da índia AMESCA. No momento do ritual de enterro o pajé fala.



**Pajé:** Como sabemos, uma *jokana* Pataxó não deve ganhar dois *kitok*, porque um vem para fazer o bem e o outro pra fazer o mal, nossa guerreira Amesca não queria sacrificar seu filho então ela mesma quis quebrar essa maldição. E como ela já está morta, não devemos mais sacrificar nenhum de seus filhos. (Fazem o *Awê*, (ritual sagrado). Enterram a *índia* num lugar sagrado da aldeia, cantam a música-*Dawê Mayô ihé, Dawê Mayô hixê, todos saem triste da cena*)



Desenho Txihi Pataxó

**6º Cenário:** O cenário é de floresta em um belo dia de sol, cantos de pássaros e barulhos de ventos nas árvores e de animais em liberdade.

#### **Cena 6:**

**Pantomima:** *Entra em cena o kakusu de Amesca.*

*Anos depois, em um belo dia de sol o kakusú resolve passear na floresta e passa pelo lugar onde haviam enterrado sua jokana, (ele observa e percebe que ali cresceu uma linda árvore, em seu arvoredo estão vários pássaros se alimentando de seus frutos.*

*(Ele sai correndo chama o pajé e todos os parentes para ver aquela árvore. Ao aproximarem o pajé explica).*

**Pajé:** *(Sorridente e com suspiro de alegria). Essa árvore, vejam! É a guerreira Amesca! Olham os frutos! (Sorri alto) (Abaixa, pega o fruto e mostra para todos) eles são grudados! Os seus frutos são assim porque ela não queria que sacrificássemos um de seus filhos queria que os dois permanecessem vivos.*

**Pajé:** *(Dá uma pausa e observa o tronco da árvore) E olhem em seu tronco (passa a mão na seiva que está na árvore) sai uma seiva como se fossem lágrimas! Essa árvore é realmente a guerreira Amesca! Essa seiva (mostra) é porque durante toda sua gestação ela não parava de chorar! (Vira-se para todos) E a partir de hoje, todo o nosso povo Pataxó sempre iremos usar a seiva desta árvore para espantar os maus espíritos. E essa árvore! (Mostra para a árvore levantando as mãos de baixo até em cima) chamaremos de AMESCA como o nome de nossa guerreira PATAXÓ.*

*(Todos dançam e cantam rodeando a árvore e depois saem cantando um canto que represente felicidade, alegria e renascimento de uma nova esperança de cura através dos segredos das florestas)*

*No final aparece o ancião e o menino ao redor da fogueira (os mesmos do início da apresentação) A criança fantasiada com o que acabara de ouvir pede para contar mais sobre a vida dos seus nakíyã e o pajé conta. (Depois de ter contado várias narrativas do nosso povo Pataxó o pajé passa mal, cai e morre nos braços do kitok.*

*O kitok chora muito, mas, entende o conhecimento que o ancião lhe transmitiu através daquelas narrativas e daquele dia em diante a obrigação do kitok foi passar para todo Pataxó o conhecimento que adquiriu com o pajé)*

*Obs: (Pessoas saem com defumadores com seiva de amesca defumando o público.)*

### 3.3 O que aprendi com a narrativa da Amesca

Para o nosso povo a narrativa da Amesca é de fundamental importância, ela não é somente uma árvore medicinal, nem só uma seiva sagrada usada nos rituais sagrados, nem apenas de incenso para espantar os maus espíritos e fortalecer os espíritos de nossos guerreiros. A narrativa da Amesca é parte do *ser* Pataxó, é parte da nossa memória, é parte da união da natureza, desde que nasceu o primeiro Pataxó do pingo da chuva até hoje.

A Amesca está relacionada com o mundo material e imaterial. Com ela todos nós Pataxó harmonizamos a integridade Pataxó e natureza. E que isso nos traz benefícios para continuarmos a viver nosso mundo próprio. Pois no mundo indígena não se dissocia a relação da atividade humana com a natureza.

Como por exemplo, ao fazer essa proposta sobre a narrativa da Amesca, considero que ela, um ser da natureza, é uma parte do ser pataxó, assim como um pataxó é uma parte do ser da Amesca.



Através do curso de Formação Intercultural para Educadores Indígenas (FIEI), da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais. Tive o livre-arbítrio para escolher o tema de pesquisa do percurso acadêmico que foi “*A educação indígena e a linguagem teatral: as narrativas orais do povo pataxó na Aldeia Boca da Mata*”, sendo assim, pesquisei as narrativas com as pessoas ‘mais velhas’ da comunidade de Boca da Mata, “a história da onça e o coelho’ com minha mãe Maria José, ‘Os espíritos dos ancestrais estão entre nós’ com seu Nengo Catitu, ‘A história do caçador e a onça’ com seu Benedito Pinheiro. Na comunidade de Barra velha, tive o prazer de conhecer o pajé Carunxo/Dendê Pataxó.

Que explicou um pouco sobre a realidade dos lugares e a convivência com seus familiares, por onde permaneceu no Território Indígena de Barra Velha ele contou ainda ‘A história do macaco e a onça’ e comentou resumidamente sobre a origem da planta amesca, e falou das suas utilidades para nós Pataxó, houve também contribuição das narrativas ‘A história do Pai da Mata’ e a da ‘Mula sem cabeça’ contada por Vanúzia de Barra Velha. Na Comunidade da Reserva da Jaqueira, ouvir as narrativas ‘A história do Bacurau e a Mãe da Lua’, contada pela anciã dona Nega.

‘A história da Amescla/Amesca’ contada por Nitxinawã que explicou que aprendeu essa história com parentes que haviam aprendidos com Kanatyó Pataxó, a ‘A história da índia Katubayá’ (mãe da mata) contada por Naiara. Algumas explicações sobre a

importância das narrativas, foi declarado por Tawá, E outras informações sobre o cotidiano na aldeia e as funções da planta Amesca foram contadas pelo pajé Buré (Seu Avelino). Essas informações colhidas são fontes importantíssimas para o trabalho de pesquisa, porém, não foi possível inseri-las na composição deste percurso acadêmico, mas que aponto para dar seguimento na proposta do projeto *A educação indígena e a linguagem teatral*, pois elas contêm ensinamentos que precisam ser repassadas a futura geração para contribuir no fortalecimento cultural de nosso povo.

Ainda aponto como temas muito importantes para trabalhar no teatro os temas sobre Txopay e Ithõhã que fala sobre a origem do povo Pataxó. Com esse tema nós podemos reforçar e recuperar na esfera da escola a nossa cultura por meio das narrativas de origem do nosso povo. Assim, como o tema sobre o ‘fogo de 51’, que é um acontecimento emblemático para nosso povo, que dispersou o povo Pataxó do território ancestral da aldeia Barra Velha. Um massacre que não pode cair no esquecimento, a partir dele nosso povo mostrou, como em outras épocas, a nossa luta e nossa resistência.

Além de todos os já citados acima, registro também, a importância do pajé Manoel Santana neste processo das pesquisas das narrativas orais, pois ele alertava e contava sempre para os demais membros da comunidade sobre a sua preocupação com a natureza, e foi o pioneiro a praticar a iniciativa de restaurar o meio ambiente, pois ele possui um vasto saber da natureza e do meio espiritual, é fonte viva de conhecimento e por meio deste trabalho que ele realiza nos educa e nos faz tornamos mais humanos.

Finalmente, não mais como entrei na Universidade Federal de Minas Gerais-UFMG, este curso de Formação Intercultural de Educadores Indígenas-FIEI, me auxiliou e me despertou para olhar para dentro da minha comunidade e perceber a capacidade de contribuir com as lutas do nosso povo, pois quando viemos para um estudo acadêmico temos de nos relacionar com dois conhecimentos, às sabedorias indígenas aqueles que já sabemos com os conhecimentos científicos, oferecidos num campo de estudo de uma universidade. Assim, penso que devemos fazer uma troca de conhecimentos agregarem esses saberes utilizando ambos para o desenvolvimento e fortalecimento da cultura, costume e tradição de nosso povo.



CAMPOS, Haroldo de. **Deus e o diabo no Fausto de Goethe**. São Paulo: Perspectiva, 1981.

CARVALHO, M. do R. **O Monte Pascoal, os índios Pataxó e a luta pelo reconhecimento étnico**. Caderno CRH, vol.22 no.57, Salvador: 2009. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-49792009000300006&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-49792009000300006&script=sci_arttext). Acessado em: 03 de maio de 2016.

**CARTILHA ATXÔHÃ**, 2003.

BENJAMIN, Walter. **Magia e Técnica, Arte e Política, Ensaio sobre Literatura e história da acultura**. 3ª Ed. Editora Brasiliense. São Paulo, 1987.

BOGDAN, R.; BIKLEN, S. **Investigação qualitativa em Educação**. Portugal: Porto Editora. 1992.

FANTIN, M. **Alfabetização midiática na escola**. Anais do 16º Congresso de Leitura do Brasil, COLE. Campinas: Unicamp, 2007.

FILHO, Manuel. **Livro Cadê o Tobdaé?** 1ª Ed. Edições Arvoredo. São Paulo, 2014.

GONÇALVES, Alex (org.). **Vídeo Pokâyá Mikahã**. Porto Seguro, 2013.

GIL, A. C.. Entrevista. In: **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999. Cap. 11, p.117-127.

MELIÁ, Bartolomeu. **Ação pedagógica e alteridade: por uma pedagogia da diferença**. Cuiabá: Secretaria de Estado de Educação/Conselho de Educação Escolar Indígena de Mato Grosso, 1998. p.21-27. BBE.

PATAXÓ, K. **Txopai e Itohã**. MEC/UNESCO/SEE, Belo Horizonte:1997.

MELIÁ, Bartolomeu. **Ação pedagógica e alteridade: por uma pedagogia da diferença.** Cuiabá: Secretaria de Estado de Educação/Conselho de Educação Escolar Indígena de Mato Grosso, 1998. p.21-27. BBE.

PATAXÓ, Luciene. **Com a terra construímos a nossa história.** Capema, Ministério da Educação, Brasília, 2012.

SAMPAIO, J. A. L. **Breve história da presença indígena no extremo sul baiano e a questão do território Pataxó do Monte Pascoal.** In: Caderno de História. V. 5, nº 06, jul. 2000, Belo Horizonte.

SILVA, L. J. da. **As ações educativas dos intercâmbios culturais em contexto indígena: estudo de caso do Povo Pataxó da aldeia Muã Mimatxi, em Itapeçerica-MG.** 2012. Dissertação (mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2012.

TELLES, N. *As oficinas de teatro e a prática do artista-docente.* in: Narciso Telles TELLES, N; FLORENTINO, A. (orgs). **Cartografias do Ensino do Teatro.** Uberlândia: EDUFU, 2009. pp. 223-237.

VENANCIO, Beatriz Pinto Pequenos. **Espetáculos da Memória: Registro Cênico-Dramatúrgico de uma Trupe de Mulheres Idosas.** Aderaldo & Rothschild, São Paulo, 2008.

**5ª Conferência estadual de Segurança Alimentar e Nutricional Sustentável de Minas Gerais.** Secretaria de Estado de Desenvolvimento dos Vales Jequitinhonha e Mucuri e do Norte de Minas (Sedvan), Montes Claros 2011. Disponível em: <http://5conferenciaestadualdesans.blog.spot.com.br/2011/10/as-comunidades-indigenas-em-minas.html>. Acessado em 02 de fevereiro de 2016.